

Bird vai aliviar os endividados

Washington — O Banco Mundial anunciou ontem que destinará até 25 por cento de seus empréstimos aos países endividados para ajudá-los a reduzir o peso de sua dívida externa, quando comprovar que essa carga constitui um obstáculo insuperável para restabelecer o crescimento econômico.

Os recursos do banco poderão ser utilizados para a redução do capital, para ajudar a pagar os juros ou como elemento catalizador de novos créditos comerciais, anunciou o presidente do Instituto, Barber Conable. Por outro lado, a direção executiva do banco excluiu a concessão de garantias ao pagamento de juros, salvo em "circunstâncias excepcionais", disse Conable.

A direção consumiu dois dias de debates para aprovar as diretrizes da participação do banco nos esquemas de redução da dívida, que foi autorizada pelo Comitê de Governadores no início de abril. Conable disse que o novo enfoque lançará "uma nova fase" da estratégia do banco frente à questão da dívida, e estimou que a mesma permitirá "uma contribuição direta" — para ajudar os países mais endividados a "retornar a uma via de crescimento mais rápido".

APOIO

O apoio do banco será outorgado em programas de três anos com empréstimos escalonados, exclusivamente a países com práticas políticas de ajuste "aceitáveis", que deverão ser aprovadas pela direção "caso por caso". Nesse sentido, as diretrizes enfatizam a necessidade de manter "a mais estreita colaboração" entre o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, disse Conable.

Espera-se que as duas instituições façam "um esforço con-

centrado" para apoiar os programas de redução da dívida de seus países-membros, e que os recursos destinados a esses fins pelo banco e o Fundo serão de um volume "comparável", acrescentou o presidente da Instituição.

Conable anunciou há um mês que o banco poderia destinar mais de 10 bilhões de dólares em três anos para assistir aos esquemas de redução da dívida. Esse montante equivaleria a mais de um quinto do Programa Geral de Empréstimos do banco, que é de 15 a 17 bilhões de dólares por ano.

As diretrizes anunciadas ontem assinalam que o "apoio primário" do Banco Mundial para a redução da dívida será na forma de empréstimos que o país poderá usar para reduzir o capital de sua dívida pendente ou para estimular a concessão de novos créditos comerciais.

Os países escolhidos serão aqueles "que tenham uma dívida externa grande e tenham adotado programas de ajuste aceitáveis". Além disso, os países "terão que demonstrar uma clara necessidade de redução de suas dívidas, como um meio de chegar a seus objetivos financeiros e de desenvolvimento a médio prazo".

Conable disse que no diretório houve "um amplo acordo" para que os montantes "reservados" para redução das dívidas sejam determinados "caso por caso", mas envolveriam uma cifra de "cerca de 25 por cento" do Programa de Empréstimos de Ajuste concedidos ao país concernido por um período de três anos.

O montante seria de apenas dez por cento do programa total de empréstimos nos casos de países que recebam majoritariamente empréstimos de investimento, mas que tenham

"marco aceitável" de política econômica a médio prazo.

Para esses casos, no entanto, a direção do banco deixou aberta a possibilidade, "quando se justifique", de outorgar recursos adicionais de até 15 por cento do programa total de empréstimos em três anos para apoiar mecanismos de redução da dívida e seu serviço.

ESCLARECIMENTO

A direção do banco esclareceu que os fundos "reservados" serão usados para a redução do capital das dívidas, e os fundos "adicionalis" para ajudar a pagar os juros, "em conexão com a redução da dívida ou de seu serviço". Ou seja, os primeiros poderão ser destinados a recomprar as dívidas — a preços reduzidos — e os segundos a pagar os juros dos montantes que os bancos aceitem reduzir ou sobre os quais aceitem aplicar uma taxa de juros significativamente menor.

O anúncio feito ontem pelo Banco Mundial, em um discurso pronunciado terça-feira em Paris pelo diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, completa o cenário para uma reunião hoje em Berna entre os ministros das Finanças do Grupo dos 10, integrado pelos países mais industrializados do Ocidente, para discutir a estratégia frente à questão da dívida.

Camdessus responsabilizou terça diretamente os bancos comerciais pela ausência de progresso na questão, advertindo que não se deve continuar esperando maiores ajudas governamentais, e exortou-os a reduzir o valor de seus empréstimos conforme as indicações do mercado, onde os pagamentos dos países mais endividados são cotados com um desconto de cerca de 60 por cento.